

**IX CONGRESSO NACIONAL
DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL
ABRAPEE**

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN 1981-2566

REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR E A PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO

Profª Drª Nilce Maria Altenfelder Silva de Arruda Campos

Universidade Metodista de Piracicaba-Unimep

nilarruda@uol.com.br

Pretendo apresentar aqui algumas reflexões sobre as práticas que decorrem da relação entre a psicologia e a educação. Para tanto, penso ser necessário iniciar fazendo algumas considerações acerca das problemáticas educacionais que atingem as instituições escolares, desde seu surgimento, para, posteriormente, explicitar as reflexões advindas das intervenções realizadas no projeto que desenvolvo na Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP em parceria com a Psicologia social.

Podemos dizer que a relação da Psicologia com a Educação tem na formação educacional do indivíduo o elo. Esse vem sendo traduzido, na maioria da literatura científica existente, como uma área de conhecimentos da ciência psicológica, constituída por estudos que visam elucidar todos os tipos de empecilhos à formação escolar dos indivíduos.

Ao analisarmos as publicações existentes encontramos uma subdivisão entre trabalhos de Psicologia Educacional e de Psicologia Escolar. O exame dessa literatura revela, porém, que a utilização dessas denominações não se fundamenta em definições precisas.

Ao longo da história pode-se observar que sob a designação de Psicologia Educacional centralizaram-se mais os estudos que - ao enfocarem a Educação como um campo de práticas - propunham investigar os problemas enfrentados no âmbito da Educação do indivíduo, daí a quantidade de pesquisas sobre desenvolvimento, aprendizagem, atenção, percepção, memória, etc. Já com relação à denominação Psicologia Escolar, as produções surgiram, em abundância, após o reconhecimento da

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



Psicologia enquanto profissão e se caracterizaram, primordialmente, por estudos relacionados à prática do psicólogo no contexto das instituições formais de ensino.

No entanto, de maneira direta ou indireta, em ambas as áreas as temáticas enfocadas versaram sobre a busca de explicações para os fatores que impedem ao indivíduo atingir o sucesso esperado, em uma sociedade em que a possibilidade de ascensão, supostamente, depende do mérito de cada um. Desse modo pode-se afirmar que a discussão acerca do fracasso escolar acompanhou o aparecimento da ciência psicológica e delineou o surgimento tanto da Psicologia Educacional como o da Escolar. Verifica-se que, para além das questões relativas à repetência e à evasão, a temática do fracasso escolar abarcou, desde o final do séc XIX e durante o séc XX, o estudo de tudo o que viesse a interferir na formação do indivíduo burguês, considerado como: aquele capaz de se inserir socialmente e de obter mobilidade econômica, conforme a promessa de uma sociedade baseada, formalmente, na teleologia dos pressupostos da igualdade e da liberdade.

A tentativa de democratização do saber, como parte dos pressupostos de liberdade e igualdade, deparou com a necessidade de explicações para o fato das oportunidades não serem as mesmas para todos. Era necessário justificar o porquê de um grande número de indivíduos não conseguir aprender. Tal fato gerou a busca de explicações para o que passou a ser encarado como problemas de aprendizagem, que sustentavam o suposto fracasso escolar centrado no indivíduo. Assim, a Psicologia ao tentar analisar as diferenças de desempenho da população, numa sociedade de iguais, contribuiu com várias teorias que acabaram por reforçar as justificativas para as desigualdades sociais.

Atualmente sabemos que os problemas existentes na educação refletem a degeneração que a cultura vem sofrendo com a expansão do capitalismo mercantil, com a globalização dos mercados e, mais recentemente com a especulação financeira internacional. A manifestação de tais problemas no interior das instituições escolares e as inócuas tentativas do Estado para contornar, e superar, as evidências dessa degeneração indicam a gravidade da situação. Diferentes diretrizes políticas foram e são

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



utilizadas como forma de contornar os problemas, porém, no cotidiano escolar estas diretrizes são interiorizadas com distintos significados, geralmente retraduzidos em uma lógica pedagógica singular e muitas vezes perversa.

Segundo autores como Patto (1996), Collares (1996), Smolka (1993), Parro (1992), Krammer (1993), Saviani(1988), Machado e Souza(1997), Tnamachi, Rocha e Proença (2000), entre outros, as políticas educacionais, desenvolvidas ao longo da história da educação brasileira, não deram conta de solucionar os problemas existentes na educação e acabaram por acirrá-los.

Como consequência institui-se jargões como o “aprendizado pelo fazer”, o “aprender a aprender”, “o ensino centrado na criança”. Na relação ensino/aprendizagem a dimensão do ensino, propriamente dito, desapareceu acarretando a transformação das escolas em instituições que ensinam a arte de viver, mas impedem a possibilidade do saber.

Como aponta Arendt (1988) abre-se mão da autoridade do professor e a mediação entre o passado e o futuro se esvai ocasionando a perda da tradição, aspecto necessário para a compreensão do presente.

Frente a este cenário temos a reedição de questões como a do fracasso escolar tema que, como já dissemos, historicamente caracteriza a relação da Psicologia com a Educação. O fracasso escolar, sob a diretriz da “*promoção contínua*”, não mais se apresenta sob a forma da repetência/evasão, mas assume a roupagem do seu contrário - a “aprovação/continuada”¹. Assim, se acirram as problemáticas educacionais, pois através da promoção automática se oficializa uma pseudoformação dos indivíduos como regra niveladora da população.

Até pouco tempo atrás era possível comprovar numericamente esse processo através dos altos índices de repetência e evasão. Atualmente, porém, a reprovação foi substituída pela promoção automática tornando mais difícil constatar numericamente a decadência do processo de formação cultural dos alunos. Qualitativamente, tal fenômeno pode ser observado no precário repertório apresentado pelos alunos que ingressam nos estabelecimentos de Ensino Superior.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



Ao mesmo tempo as novas diretrizes educacionais fazem a problemática do “fracasso escolar” parecer obsoleta e ultrapassada uma vez que, supostamente, o Sistema Educacional está promovendo um ensino de melhor qualidade. No entanto, porém, o que se observa, na realidade das instituições de ensino, é o agravamento desta problemática uma vez que a maioria das crianças que frequenta as escolas está quase que *impedida* de aprender. Constatase que, na realidade, a escola vai perdendo sua função educativa e deixa de ser a instituição que possibilita ao indivíduo a formação cultural necessária ao desenvolvimento de uma consciência autônoma. Tornando-se cada vez mais dispensável á vida em sociedade, a escola vai gradualmente sendo substituída pelas novas linguagens tecnológicas que mais e mais delegam à máquina as funções que antes eram do professor.

Desta forma, como aponta Adorno (1996), se concretiza uma situação de pseudocultura generalizada em que o fracasso escolar se traduz na quase total ausência de conhecimentos, uma vez que o saber é substituído por diversos tipos de informações superficiais que levam à massificação generalizada e impedem o desenvolvimento da autonomia. Esta circunstância delinea um dos mais graves problemas, senão o problema central da realidade educacional em nosso país neste novo século.

Por outro lado e ao mesmo tempo desde seu surgimento, enquanto ciência, a Psicologia contribuiu com a continuidade de um processo que é gerador de ignorância e discriminação, e, auxiliou a manutenção de um sistema produtor de injustiças e desigualdades sociais. As práticas psicológicas que se realizam no interior das instituições escolares e que, não obstante, lidam com as demandas postas por esta instituição, tendem a favorecer a cristalização de preconceitos e contribuem, também, com o processo de deformação cultural dos indivíduos.

Neste sentido constatamos no percurso da investigação realizada no projeto Integrado, desenvolvido no curso de Psicologia da Unimep, que o psicólogo ao inserir-se no contexto das instituições de ensino, acaba por deparar-se com uma realidade na qual as diretrizes políticas ao atingirem o cotidiano institucional (des)organiza-o sob a lógica da dissimulação, em que reprovações transformam-se em falsas aprovações,

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



pedagogia construtivista em receitas metodológicas e a educação em deseducação. Tal quadro propicia o desenvolvimento, nas instituições formativas, de um *ethos* cultural que leva as escolas a exigirem do psicólogo uma prática que repõe na criança a responsabilidade por seu insucesso. As propostas que não priorizam a criança e sua família como espaços de intervenção são vistas como ineficazes e ameaçadoras da (des)organização instituída.

Foram estas constatações que nos levaram a refletir sobre a possibilidade de o diálogo entre a Psicologia e a Educação ocorrer sem incorporar tais práticas e as contradições historicamente por elas produzidas. Ao mesmo tempo, instigaram-nos a problematizar a relação entre as ações do Estado e as intervenções psicológicas que se efetivam no interior do cotidiano escolar, focando esta relação como espaço privilegiado para a intervenção psicológica.

Foi nesta perspectiva, que a inserção no cotidiano das instituições de ensino, bem como a constante intervenção realizada na forma de assessoria junto às instâncias hierárquicas, como a Delegacia de Ensino² e a Secretaria da Educação do Município, indicou a necessidade de analisarmos a política educacional que passou a vigorar na década de 90, através dos parâmetros curriculares nacionais, e, ao mesmo tempo, permitiu aferirmos como o sistema educacional de Piracicaba se colocava sob essas novas determinações.

Constatamos através do projeto como a massificação do ensino, ao se generalizar para todos os estratos sociais, parece haver surrupiado o esforço criativo de administradores, de professores e de funcionários nas escolas, aniquilando, pouco a pouco, as chances de a educação possibilitar uma formação voltada ao desenvolvimento do indivíduo, decompondo ou comprometendo a fruição de subjetividades criativas e críticas, minimamente desejáveis numa sociedade realmente democrática.

Verificamos, ainda, que o despreparo dos profissionais da Educação possibilita a adesão, sem questionamentos, às novas diretrizes curriculares e à política da aparência

² Hoje denominada Diretoria de Ensino.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



por elas geradas. Essas diretrizes, como vimos, visam abalizar a Educação pelas necessidades do mercado e fazem com que haja um nível cultural próximo entre todos, professores e alunos, tornando os primeiros facilmente substituíveis, pois nada os distingue de outros modos de informar, como, por exemplo, os tele-cursos, desenvolvidos via redes de televisão.

Por outro lado, essa padronização no modo de agir dos profissionais da Educação exige apenas o básico, para que professores e dirigentes se adaptem às exigências da realidade escolar. Desse modo, encontramos professores, formados em cursos de 3º grau, imobilizados diante de crianças de sete anos, ingressantes na 1ª série, por não saberem o que fazer para motivá-las a prestarem atenção, e professores atônitos perante as mais simples solicitações, como, por exemplo, a de que façam um plano de aula coerente com o tema escolhido nos HTPCs, para a semana.

Observamos que o gradual e crescente despreparo desses profissionais torna-os cada vez mais dispensáveis o que, em parte, explica a alta rotatividade com que passam pela escola e a imensa incapacidade crítica, que denotam, perante a realidade institucional. Não é por acaso que, na rede estadual e na municipal, os professores acabem por aderir ao chamado método construtivista³, sem o conhecimento dos pressupostos que embasam essa concepção.

A opção pelo construtivismo, como a que constatamos na escola, num momento de internacionalização do capital e de administração da sociedade, como o que acompanhou as últimas reformas na Educação, significa a negação da diferença, regida por um discurso neoliberal.

Pode-se dizer que o surgimento do discurso neoliberal, com a terminologia que o acompanhou – qualidade total, formação polivalente, flexibilidade, interdisciplinarização – expressou a identidade totalizante da sociedade e

³ O construtivismo está sendo oficialmente propagado no Estado de São Paulo desde 1983 e era comum professores o denominarem como método. Porém, após os diversos cursos de aperfeiçoamento promovidos pela Secretaria de Educação ficou generalizada a informação que, por se basear na teoria de Jean Piaget, não poderia ser chamado de método. Entretanto, nas escolas investigadas a partir de 1997, públicas e particulares, era comum os professores e coordenadores se referirem à prática educacional, desenvolvida junto às crianças, como uma prática pautada no *método construtivista*.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



superficializou ainda mais os conhecimentos escolares, exacerbando o processo de alienação dos indivíduos.

Não é por acaso que, na realidade da escola, encontramos alguns professores que, incapazes de discernir a melhor opção para os próprios alunos, defendem com unhas e dentes as tendências pedagógicas ditadas pelos parâmetros curriculares, como bem exemplifica a professora que utiliza o argumento da autonomia da criança no acesso ao saber, como resposta natural para o fato de seus alunos, no final da 2ª série, não estarem ainda alfabetizados.

Podemos constatar que os princípios e diretrizes fixadas nas últimas reformas da política educacional, acentuaram, nas instituições de ensino, a responsabilidade pela sedimentação, nos diferentes estratos sociais, de um conhecimento superficial e acrítico sobre a realidade.

Desse modo, as intervenções experimentadas pela Psicologia no cotidiano das escolas atestaram um quadro educacional bastante caótico, que se coloca para além das instituições em foco, e, pouco a pouco se generaliza para as demais escolas da cidade, o que, infelizmente, representa mais pistas sobre a decadência do ensino, público e privado, no país.

Enfrentamos, como diria Hanna Arendt, uma crise na educação característica das sociedades de massa, em que a promessa de democratização da cultura se traduziu na progressiva deterioração na formação dos indivíduos e no crescente despreparo dos professores que se tornam cada vez mais baldios.

O sistema educacional de Piracicaba, sob a lógica da administração neoliberal da sociedade, como a que enfrentamos até início do século XXI, vem corroborar a massificação e a decadência do processo educacional de todo o país, acentuando o processo de pseudoformação dos indivíduos. Independentemente das medidas usadas para estabelecer a desigualdade social – característica esta do sistema capitalista - as reformas que vêm sendo promovidas atingiram de maneira perversa, em maior ou menor grau, os diferentes estratos sociais da população escolar, tanto pública como privada.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



A realidade encontrada nas escolas em que o projeto da Psicologia se inseriu mostra-nos a perversidade do processo de massificação do ensino, que generaliza a semiformação e aumenta a dominação, lesando a possibilidade do desenvolvimento da autonomia, lesando a possibilidade de existência de subjetividades.

Ao apologizar a lógica do mercado, da indústria, da ciência e da técnica, uma Educação assim concebida termina por impossibilitar o dimensionamento das conseqüências anti-humanas dessa mesma lógica.

Nessa perspectiva cabe afirmar que a massificação do ensino como primordial problema a ser enfrentado na Educação lança, para a Psicologia, o desafio de buscar alternativas de ações práticas, que impulsionem o movimento do real na direção do mais justo, mesmo que esse intuito seja continuamente assimilado. É necessário estarmos conscientes do trabalho de Sísifo que uma opção desse tipo nos impõe, para não esmorecermos.

Uma das maiores contribuições que a investigação realizada nos proporcionou é a certeza da necessidade de investirmos na busca de uma formação consistente para os alunos, e para nós mesmos, como antídoto contra a contínua degradação do processo formativo a que estamos submetidos.

Se perdermos a possibilidade de ter – e de dar – uma formação ampla e substancial, característica da Educação que só anteriormente era propiciada, o primeiro passo é reavê-la, não na perspectiva de superestimar o passado, mas no sentido da atualização necessária, pois, assim, a esperança existente no ontem pode ser recuperada e, com ela, tudo o que é imprescindível para pensarmos as possibilidades da liberdade.

Sabemos que as tentativas de agir na Educação, visando a resistir aos processos de pseudoformação generalizada, são submetidas às pressões avassaladoras do existente e, em vários momentos, causam sentimentos de desesperança e de impotência. Porém qualquer resistência só pode se efetivar, se transformarmos tal sentimento em desafio mantenedor das ações orientadas a fortalecer os processos que sustentam a desilusão positiva, que possibilita a ação conseqüente, e não o imobilismo. Observamos que um caminho possível para a prática da Psicologia na Educação seria o de possibilitar que a

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



Educação se torne uma Educação para a resistência. Assim, tentar impedir o sistema capitalista de eliminar as diferenças, tornando tudo equivalente, uniformizado através de modelos de ação que pressupõe técnica e previsibilidade para o controle social e pouca qualidade no ensino, torna-se a meta dessas ações, mesmo que de antemão fadadas ao reinício constante.

A dominação através da indústria cultural e a desqualificação da educação, decorrente do processo da crescente massificação do ensino, por ser um dos mais perversos mecanismos da sociedade atual, tem que ser enfrentada de uma maneira ou de outra, por todo e qualquer esforço educativo. Os psicólogos, assim como os outros profissionais ligados à Educação, não podem desconhecer essa “superdeseducação”, que se alastra e a tudo invade. Ignorá-la, sob qualquer pretexto, é dessensibilização, é barbárie!

Para finalizar cabe salientar que em termos da relação Psicologia e Educação faz-se importante a presença do psicólogo na escola, não apenas por motivos históricos, uma vez que a pedagogia se constitui como uma espécie de aplicação prática das teorias psicológicas, mas, também, por que, na escola, prolifera a existência de um processo de degeneração da formação educativa do ser humano, que necessita ser trabalhado, para que o esclarecimento – e seu poder regenerador - possa ter chance de emergir como forma de resistência à aniquilação da possibilidade de afirmação do indivíduo e da própria cultura.

Bibliografia de Referência

ADORNO, T. W. A teoria da semicultura. In: *Educação e Sociedade*. Revista de Ciência da Educação nº 56, Ano XVII. Campinas: Cedes/Papirus, Dez. 1996. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. M. de Abreu. A revisão definitiva, feita pelo mesmo grupo, contou também com a colaboração de Paula Ramos de Oliveira.

_____(1994). *A indústria cultural* In: COHN, G. (org.) Sociologia, São Paulo, Ática.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



_____.(1995) *Palavras e sinais - modelos críticos 2*. Vozes, Petrópolis.

_____.(1992) *Mínima moralia*. São Paulo: Ática.

_____.(1975) *Dialéctica negativa*. Madrid: Taurus Ediciones.

_____.(1995) *Educação e Emancipação*. Paz e Terra.

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M.(1986) *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ANTUNES, M.A.M. (1991) *O processo de autonomização da Psicologia no Brasil 1890/1930, uma contribuição aos estudos em história da Psicologia*. Tese de Doutorado, Pós-graduação em Psicologia Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.

CHAUÍ, M. (1992) Público, Privado e Despotismo In: *Ética*. (Org) Adauto Novaes, São Paulo: Companhia das Letras, pp. 345-390.

_____. (1999) A Universidade Operacional. Artigo publicado no *Caderno Mais*, in Folha de São Paulo, 9 de maio.

_____.(1989) *Cultura e Democracia*. São Paulo: Cortez.

CROCHIK, J.L. (1998) O computador no ensino e a limitação da consciência. *Psicologia e Educação*. (Org. Lino de Macedo), São Paulo: Casa do Psicólogo.

GATTI,B.A. et al.(1981) A reprovação na primeira série do primeiro grau:um estudo de caso. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, nº38, p-3-13, agosto.

GENTILLI, P. Adeus à Escola Pública In: GENTILLI, P. (Org.).(1996) *Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo*. Rio de Janeiro: Vozes, pp.228-270.

LASTÓRIA, L.A.C. N.(1999) *Dialética do pensamento ético na psicologia*. São Paulo: USP. Tese de Doutorado em Psicologia. Instituto de Psicologia, pp. 106-140.

MALUF, M. R.(1994) Formação e atuação do psicólogo na educação: dinâmica de transformação. In ACHCAR, Rosemary. *Psicólogo brasileiro: práticas emergentes desafios para a formação*. São Paulo, Casa do Psicólogo.

MOYSÉS, M.A; COLLARES,C.(1992) A História não contada dos distúrbios de aprendizagem. *Cadernos CEDES*, Campinas, n 28,p31-48.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



TANAMACHI,E; Rocha,M; Proença M. (Orgs) (2000)- *Psicologia e educação: desafios teóricos-práticos*. SP, Casa do Psicólogo, 2000.